

Espacialidade & Logística: Nossa Cotidianidade Labiríntica

Spatiality & Logistics: Our Labyrinthine Everyday Life

Carlos Santos – herodoto@unir.br
Universidade Federal de Rondônia
Professor Aposentado

Resumo: A relação entre logística e espacialidade está na possibilidade de, na construção de artefatos espaciais, que atuam como recursos sócio espaciais, se buscar uma eficiência na elaboração destes artefatos, dada a racionalidade no encadeamento das etapas de construção imposta pela logicidade intrínseca do processo. Em um mundo plasmado pela ideologia burguesa, marcada pelo individualismo, a luta pela afirmação das individualidades, visando a completa expressão de suas singularidades, requer o concurso de um encaminhamento logístico que possa alcançar a libertação dos embaraços de um mundo que se assemelha a um labirinto, e que dificulta o acesso aos meios de empoderamento social que são as espacialidades.

Palavras-chave: Logística, Espacialidade, Individualidade, Individualismo, Reificação.

Abstract: The relationship between logistics and spatiality lies in the possibility of, in the construction of spatial artifacts, which act as socio-spatial resources, seeking efficiency in the elaboration of these artifacts given the rationality in the sequence of construction stages imposed by the intrinsic logic of the process. In a world shaped by bourgeois ideology marked by individualism, the struggle for the affirmation of individualities, aiming at the full expression of their singularities, requires the assistance of a logistical approach that can achieve liberation from the constraints of a world that resembles a labyrinth and hinders access to the means of social empowerment that are spatialities.

Keywords: Logistics, Spatiality, Individuality, Individualism, Reification.

Recebido em: 24/08/2025

Aceito em: 19/10/2025

Publicado em: 09/11/2025

Introdução

A chamada organização espacial, ou melhor, a *espacialidade organizacional-societal*, aqui denominada de espacialidade, envolvendo tanto a dimensão política quanto a econômica de uma sociedade, é o outro lado do corpo da organização social. São dois lados de uma mesma moeda. Ou seja, não dá para separar uma face da outra. Só que de um lado tem-se processo social e, do outro, forma espacial. A forma espacial é a manifestação/expressão da moldagem/estrutura social. Formatação que, em definitivo, resulta sempre de um processo social. Ou seja, não se pode falar nunca em processo espacial, mas sempre em formatação espacial, ou, mais precisamente, formatações sócio espaciais. Espaço junto com o tempo são dimensões da materialidade (Szamosi, 1986), não existem independentes dela, em suma, não são autônomos, ontologicamente falando.

Assim, vale uma crítica à Escola de Ecologia Urbana de Chicago, que considera os processos de segregação social que resultam em formas espaciais – os bairros –, ou as formatadas concentrações espaciais de atividades econômicas – áreas especializadas –, como se fossem processos espaciais, conforme Lobato (1989). Porquanto são sempre estruturas e formas espaciais expressando a alocação de funções sociais. Daí que se torna problemática, porquanto mal formulada, a expressão *processos espaciais*, sendo que o correto é *formatações sócio espaciais*, a que, de modo simplificado, aqui se denomina espacialidade. Processo que também denominamos de lugarização, isto é, a ocupação de um local com a construção de um lugar, complexo de recursos espaciais, que atuam como próteses/extensos do corpo social. No limite: a transformação do local-planeta em lugar-mundo, conforme Santos (2021, 2024).

Nesse sentido, vem a calhar o esquema proposto por Milton Santos em 1984, no qual há um encadeamento lógico dos elementos que compõem essas formatações sócio-espaciais. Trata-se de um exemplo elucidativo da crítica a essa expressão *processos espaciais*. O esquema apresenta as seguintes etapas: processo↔função↔estrutura↔forma. Então, posto nesta ordem, tudo começa com o processo, que é sempre social, que aloca uma função no âmbito de um local ou de um lugar, alocação que gera uma estrutura que, por fim, se expressa em uma forma espacial. Aludimos a esse esquema com o fito apenas de reforçar a expressão *formatações sócio espaciais*.

De vez que, como justificativa ao dito acima, sendo uma dimensão, espaço não possui concretude, toda a iniciativa acional é do processo social deflagrado pela dinâmica da sociedade/Estado, manifestando seus interesses, suas necessidades, seus conflitos e suas contradições, que se expressam em instituições, em miríades de atividades, empreendimentos, ofícios e profissões, tendo, como sustentação, estruturas físicas que comportam funções específicas que se exprimem em formas espaciais pertinentes. Por essa constatação, pode-se avaliar a implicação do exossomatismo, manifesto por um corpo social, no caso, em ação organizativa como emulação da logística, agindo de modo sintagmático, ou seja, cumprindo um programa, seguindo nos trilhos de um modo de produção e se comportando conforme a mecanicidade do próprio,

visando produzir espacialidades modeladas pela sua logicidade, e que atuam, enfim, como um arsenal de recursos espaciais. O problema/questão que permeia essa análise é a seletividade do acesso a tais recursos, como se discute adiante, dada a segmentação social controlada pelo monopólio político-jurídico das elites sociais (SANTOS, 2004, 2009, 2011, 2017, 2021 e 2024).

A Logística em Pauta

O modo como esse processo se desenrola é estruturativo/organizativo; isto é, a produção das formas espaciais segue uma sequência racional de etapas. Assim, podemos perceber que existe uma estratégia racional de planejamento por trás dos arranjos/formas espaciais, isto é, das espacialidades – ou, de modo mais rigoroso, uma logística balizando a produção dessas espacialidades. A discussão aqui é da necessidade de se formalizar essa logicidade. Desse modo, recuperamos a definição de logística de Ronald Ballou (2007, p. 27), das normas do *Council of Logistics Management*, de que: “Logística é o processo de planejamento do fluxo de materiais, objetivando a entrega (resolução) das necessidades na qualidade desejada no tempo certo, otimizando recursos e aumentando a qualidade nos serviços”.

E também buscamos a versão da Associação Brasileira de Logística, que adota a definição de Carvalho, que entende logística como:

Processo de planejar, implementar e controlar eficientemente, ao custo correto, o fluxo e armazenagem de matéria-prima e estoque durante a produção, como também de produtos acabados, desde o ponto de origem até o consumidor final, visando atender os requisitos do cliente. (Carvalho, 2002, p. 31)

Ambas são sintetizadas na definição de Castillo & Trevisan, para os quais Logística é:

(...) como o conjunto de competências infra estruturais (transportes, armazéns, terminais intermodais, portos secos, centros de distribuição etc.), institucionais (normas, contratos de concessão, parcerias público-privadas, agências reguladoras setoriais, tributação etc.) e estratégicas (conhecimento especializado detido por prestadores de serviços ou operadores logísticos) que, reunidas num subespaço, podem conferir fluidez e competitividade aos agentes econômicos e aos circuitos espaciais produtivos. (Castillo e Trevisan 2008 *apud* Trevisan e Silva, 2012, p. 232)

Nota-se que nas duas primeiras definições duas preocupações básicas estão presentes: racionalidade e eficiência. Ou seja, há um encadeamento racional de etapas que se constitui em um procedimento eficiente, resultando em algo que pode/deve ser eficaz em seu funcionamento.

Do ponto de vista espacial, significa fluidez na conexão entre os fixos através de uma agilização cada vez maior dos fluxos. O maior exemplo atualmente dessa estratégia territorial/espacial são os atuais megaprojetos da China, em termos de infraestrutura, interligando todas as suas regiões, inclusive com uma malha ferroviária de trens de alta velocidade, cuja extensão já se aproxima dos cinquenta mil quilômetros, com trens que já chegam a quatrocentos e cinquenta quilômetros por hora, com perspectiva de atingir os

seiscentos, capazes de substituir a aviação regional, produzindo uma espacialidade territorial altamente integradora e extremamente fluida. Inclusive, o modo como a China controla sua economia pode nos indicar que ela alcançou a Era do Capital Regulado, visando o pleno desenvolvimento das forças produtivas rumo à meta socialista, ao manter o mercado orientado por políticas sociais. (Cintra, Silva Pinto e Costa Pinto, 2015).

Nosso Labirinto Cotidiano

Logística, dessa forma, se afigura como a inteligência da ação. É a estratégia na consecução de um plano, de um projeto. No nível pessoal, por exemplo, a logística se dá na ação do *Eu*¹ visando sua realização, significando o modo como esse *eu/agente* elabora/manipula as espacialidades, visando sua inserção no contexto do mundo. Meu mundo: moldado à minha imagem e semelhança!!! Dado que, inserir-se no mundo é deparar-se com a injunção de uma trama de desafios postos por uma tessitura de ações/objetos eivados de intenções e de interesses geralmente em conflito por usualmente serem antagônicos/contraditórios.

O mundo, nessas condições, se afigura a um labirinto, onde a logística passa a ser o fio de Ariadne, o qual se torna um meio seguro de condução em sua mundana trama ambiental. É óbvio que tal analogia vale não só para o desempenho individual como também para o sucesso corporacional. No caso individual, vale a afirmação da individualidade (antônima de individualismo), com base na singularidade informacional de cada ente humano (Santos, 2021, 2024). Quanto ao desempenho corporacional, deve encarar o desafio de se pautar pelo valor de uso perante a sedução do valor de troca, isto é, o risco de facultar a promoção da reificação da vivência humana, dado o imperativo de mercadorização universal da lógica capitalista. Nesse sentido, Lukács afirma:

Não é por acaso que as duas grandes obras da maturidade de Marx, cujo objetivo é descrever o conjunto da sociedade capitalista e pôr a nu seu caráter fundamental, começam por uma análise da mercadoria. Com efeito, nesta etapa da evolução da sociedade não há problema que não nos remeta, em última análise, para esta questão, e não deva ser

¹ Conforme Popper e Eccles (1991, p. 159): “O ‘eu’ está quase sempre em atividade. O ‘eu’ ativo, psicofísico, é o programador ativo do cérebro (que é o computador), ele é o executor cujo instrumento é o cérebro. Como disse Platão, a mente é o piloto. Ela não é, como sugeriram David Hume e William James, a soma geral, o feixe ou o fluxo de suas experiências: isso sugere passividade. Suponho que esta seja uma visão que resulta da tentativa passiva de observar-se a si próprio, em lugar de recordar e revisar ações passadas. (...) Acho que estas considerações mostram que o ‘eu’ não é um ‘simple ego’ (sic), ou seja, um mero sujeito. Mais que isto, ele é incrivelmente rico. Como um piloto, ele observa e age ao mesmo tempo. Ele age e sofre alterações, relembra o passado e planeja e programa o futuro, prevendo e dispondo. Ele contém, em rápida sucessão ou de uma só vez, vontades, planos, esperanças, decisões para agir, e uma vívida consciência de ser um ‘eu’ ativo, um centro de ação. E ele deve esta individualidade sobretudo à interação com outras pessoas, outros ‘eus’, e com o Mundo 3.” Por Mundo 3, Popper & Eccles (199, p. 62) entende “os produtos da mente humana, tais como histórias, mitos explanatórios, artefatos, teorias científicas (verdadeiras ou falsas), problemas científicos, instituições sociais e obras de arte. Os objetos do Mundo 3 são de nossa própria autoria, embora eles nem sempre sejam o resultado de uma produção planejada por homens individualmente.”

procurada na solução do enigma da *estrutura* da mercadoria. É evidente que o problema só pode elevar-se a este grau de generalidade quando colocado com a grandeza e profundidade que atinge nas análises de Marx, quando o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema particular, mas como o problema central, estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. Só assim é possível descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as formas de subjetividade na sociedade burguesa. (Sic) (Lukács, 1989, p. 97)

Diante da realidade imposta pela sociedade burguesa, escapar do fetichismo mercadológico e superar a alienação, de modo a exorcizar o processo de naturalização do caráter de coisificado, isto é, recuperar a condição de humanidade e ter de volta as rédeas de seu destino, implica um esforço tremendo para entender os mecanismos ideológicos em jogo. Esforço que começa pelo reconhecimento consciente da internalização que a ideologia burguesa impõe do que ela considera como sendo valores: tudo o que robustece a conduta individualista pautada pelo individualismo.

Tal situação implica uma autoanálise que inclui, principalmente, o acesso ao conteúdo inconsciente por cada *Eu*, no sentido freudiano, onde pulsões comprometedoras precisam ser compreendidas e sanadas (Freud, 1937/1939), como parte da luta contra a alienação. O *Eu* deve focar toda a luz de sua atenção para o seu inconsciente, de modo a fazer aflorar conscientemente todos os desejos que possam parasitar sua energia, eliminando, assim, todo e qualquer bloqueio para a sua ação, isto é, potencializando e efetivando sua automobilização, visando um determinado objetivo/meta (Krishnamurti, 1973).

Sendo a meta mais saudável aquela de se alcançar a plena expressão da individualidade, a completa manifestação da própria singularidade informacional, quando se deixa simplesmente de apenas sobreviver para se conquistar o existir de fato. Sendo a democracia um processo, o empreendedorismo de si mesmo, em coadjuvância com o solidarismo de classe, porquanto afirmar a própria individualidade é consonante com a consciência de pertencimento classista, inclusive, como meio de alavancagem potencial para penetração nos poros e nas brechas do sistema, de vez que o edifício social não é um bloco monolítico sem fissuras, ela se torna o contexto político propício para tal comportamento. Assim, a singularidade informacional individual deveria ser trabalhada pedagogicamente, – para ser o novo passaporte de inserção social, dado que o antigo, baseado na “sociedade do trabalho”, está em vias de extinção, conforme Gorz (1982), Offe (1989) e Rifkin (1996). Nesse sentido, a ideologia conservadora é um comportamento caipira, jeca, tabaréu. A inserção social via singularidade individual é uma avalanche tsunâmica histórica.

Com efeito, o verdadeiro socialismo seria essa total democratização das individualidades, quando todos valeriam pela singularidade que são (Santos, 2021, 2024). Haja visto que, inclusive, com os processos de automação, de robotização e das IAs nos meios de produção, alijando o trabalho vivo, torna-se urgente novos meios de inserção social.

Assim, no nível pessoal, é no inconsciente² do *eu* que a logística começa. Trata-se, como já referido, de um encadeamento lógico de etapas onde cada fase procedente depende estritamente da precedente. Aliás, aqui se aplica a alegoria do famoso *efeito borboleta*, criada pelo meteorologista americano Edward Lorenz e que expressa o comportamento caótico da realidade (Gleick, 1990); isto é, a dependência que a dinâmica dos fenômenos tem das condições iniciais. No caso, seria a mobilização de pequenas e banais ações, intencionadas na direção desejada, e que se somam, tomando proporções exponenciais, deflagrando/concretizando aspirações.

Um roteiro seguido pelos organismos no processo assimilativo de informações, na dinâmica evolucionária adaptativa, facultando um aprendizado mais acurado e eficiente, propiciando comportamentos mais eficazes, como é traçado em Santos:

Adaptativamente/evolucionariamente, o eu, enquanto ente autoconsciente, é resultado de um processo de adaptabilidade da matéria a determinadas condições que a fizeram transformar-se, ao sabor das quatro forças fundamentais conhecidas da natureza (a força gravitacional, a força eletromagnética, a força fraca e a força forte), de sistemas físico-químicos a sistemas orgânicos auto-organizantes e auto-reproducentes, fitóticos e zoóticos, até o estágio primata/homo. Toda essa herança de maleabilidade às condições ambientais facultada hoje ao eu uma imensa plasticidade não só de adaptação, mas também do condicionamento de si e do meio ambiente à novas configurações. Não só o eu é autoconsciente, mas é igualmente veículo de consciência do meio ambiente. Isto é, matéria/espaço/tempo se auto conscientizam através do eu. O eu é movido por intencionalidades, assim ele sempre projeta finalidades no espaço. Então as espacialidades resultantes dos usos alocados em pedaços do espaço [porções da materialidade] possuem uma lógica, expressam uma função que é evidenciada na forma como a espacialidade se configura. (Santos, 2009, pp. 24/25)

A logística sempre foi um procedimento crucial nos empreendimentos militares desde a antiguidade. Ganhou foros de ciência após a Segunda Guerra Mundial. Mas não seria exagero afirmar-se que os planos quinquenais, adotados

² Para Laplanche e Leclaire (1992, p. 112), “(...) Em primeiro lugar, o inconsciente não é uma estrutura. O inconsciente é constituído de elementos mnêmicos, de representações recalçadas, de *Vorstellung*, como dizia Freud. Trata-se, por outro lado, de elementos mnêmicos que não remetem a outra coisa senão a si mesmos, que é o que verdadeiramente significa o termo freudiano *Sachvorstellungen*, representações-coisa e não mais representações de coisas. Finalmente, é claro, embora o inconsciente não seja estrutura, mas conteúdo, ‘substância’, diríamos nós, os elementos do inconsciente estão, entretanto, ligados entre si, segundo um modo de ligação muito particular”. (Sic) E mais adiante, página 115, “(...) O inconsciente é individual; para ser escandaloso, eu diria que ele está na cabeça de cada indivíduo. O inconsciente é essa parte de sua história subtraída não só, como queria Politzer, ao tecido das significações convencionais, mas subtraída também a toda intenção de comunicação, e é o que pretende tornar imagem a minha fórmula de um ‘denominador’ onde não existiria mais significado algum. Somente a metodologia inventada por Freud – e não uma metodologia pretensamente orientada para o significante – que alia indissolivelmente livres associações e situação analítica, permite reabrir parcialmente, de um modo precário, de um modo sempre rediscutido, um inconsciente sempre prestes e pronto a se fechar de novo à comunicação, pois que esse fechamento é inerente à própria essência de sua constituição”. (Sic)

pela então União Soviética nas décadas posteriores à revolução de outubro de 1917, tenham inspirado a evolução da logística empírica para a científica.

Em uma visão mais geral da logística, podemos dizer que se trata de um procedimento racional tanto na distribuição espacial de funções quanto na conexão sinérgica entre as mesmas, de modo a se ter um funcionamento harmônico do conjunto; ou seja, por exemplo, plena conexão entre instalação (fixos) e circulação (fluxos). A logística enquanto um procedimento que se dá por etapas encadeadas entre si de modo racional é, então, um algoritmo.

Logística Social: Tensão entre Individualidade e Individualismo: o Caso Brasileiro

A tensão entre individualidade e individualismo é permeada pela questão da acessibilidade. Um exemplo bem significativo é o caso da desigualdade social vigente na sociedade brasileira. Podemos considerar a Lei de Terras de 1850 como um marco decisivo do processo de desigualdade social no Brasil. Pois ela foi intencionalmente criada para impedir que os escravizados uma vez libertos não tivessem acesso à terra, de vez que a lei estipulava que a terra teria que ser comprada. As elites brasileiras sabedoras da inevitabilidade do fim do escravismo, buscavam se precaver. Daí não só os negros recém libertos não tiveram acesso à terra como também os brancos pobres. Enquanto isso, as terras públicas eram apossadas, em uma grilagem escandalosa, praticada até hoje, pelas elites que, graças ao seu monopólio político-jurídico, em seguida as legalizam, conforme Silva (1996). Essa é uma das razões principais de sessenta por cento da renda nacional ser apropriada por dez por cento da população.

Decorre da situação acima todo um corolário de marginalização social, precarização do acesso à saúde, à educação e à moradia. A raiz causal, portanto, desse quadro deprimente está no como a distribuição dos recursos sociais no Brasil foi orientada pela exclusão das mulheres, dos indígenas e dos negros, sendo a violência uma de suas características mais marcantes. Historicamente, o país foi construído para excluir a maior parte da população e concentrar privilégios nas elites. Então, aflora o fio condutor da exclusão social brasileira: a mentalidade escravocrata das elites brasileiras, alicerçando o racismo cultural, ou seja, a suposta superioridade inata de uns e a suposta inferioridade inata de outros. Como diz Jessé Souza³ no seu livro *A Elite do Atraso*, em sua crítica aos clássicos do pensamento social brasileiro (nomes como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e congêneres), por apenas mencionarem a escravidão sem nunca aprofundar seu significado e nem considerar suas consequências na história brasileira, e mais adiante ao discutir “o pacto elitista e sua violência simbólica”:

(...) Muitos falaram de escravidão como se fosse um mero “nome”, sem eficácia social e sem consequências duradouras, inclusive Sérgio Buarque e seus seguidores. Compreender a escravidão como conceito é muito diferente. É perceber como ela cria uma singularidade excludente e perversa. Uma sociabilidade que tendeu a se perpetuar

³ Como as páginas do livro não estão numeradas, considerei a numeração a partir da capa.

no tempo, precisamente porque nunca foi efetivamente compreendida nem criticada. (Sic) (Jessé Souza, 2017, p. 13)

(...) Nosso passado intocado até hoje, precisamente por seu esquecimento, é o do escravismo. Do escravismo nós herdamos o desprezo e o ódio covarde pelas classes populares, que tornaram impossível uma sociedade minimamente igualitária como a europeia. (Jessé Souza, 2017, p. 163)

Há, portanto, a necessidade de um hercúleo esforço de desvendamento da ideologia construída pelas elites brasileiras, visando preservar seus privilégios, de impregnar, como se fosse algo natural, o conservadorismo no inconsciente do povo excluído. Desvendamento que exige um procedimento nos moldes como analisado acima. Pois, tal conservadorismo impõe a aceitação pelos excluídos de que é normal/natural sua exclusão, sua miséria, sua pobreza, sua submissão, sua indignação, contando com o concurso de correntes religiosas, de vez que, afinal, assim é por que “Deus quer”, porquanto lhe reserva “o reino dos céus”. Eis uma autêntica cilada labiríntica ideológica!!! Como sair dela?

Urge uma logística social de empoderamento da individualidade do mestiço brasileiro, prioritariamente, visando a exorcização das síndromes tanto de colonizado quanto de escravizado, embora inclua parcelas branqueadas da população, perante o individualismo empedernido e massacrante das elites brasileiras, mormente “a elite do dinheiro”⁴, o sistema financeiro, que é quem dá a primeira e a última palavra, e, sendo o ápice da pirâmide social, é quem pratica o exossomatismo social mais predatório da sociedade brasileira.

Em suma, é preciso considerar que todas as ideologias de dominação, principalmente as de cunho racista, encontram terreno fértil no comportamento humano devido a algo que temos discutido ao longo de alguns textos (Santos, 2004, 2009, 2011, 2017, 2021 e 2024): o conceito de exossomatismo, que expressa perfeitamente o que Foucault (1976) define por poder como sendo oriundo de relações assimétricas. Inclusive, servindo de lastro para situações como hierarquias, heteronomias, classes sociais, castas, hegemonias, supremacismos étnicos e, por fim, modos de produção.

⁴ O ápice da pirâmide social brasileira, em cujas mãos se encontra a maquinaria institucional de poderio avassalador de domínio social, é quem amealha dinheiro via juros extorsivos, derivativos ardilosos e refinada especulação, e comanda com mão de ferro o sistema financeiro. Dela Souza (2017, pp. 179-180) diz: “A elite do dinheiro soube muito bem aproveitar as necessidades de justificação e de auto justificação dos setores médios. Comprou uma inteligência para formular uma teoria liberal moralista feita com precisão de alfaiate para as necessidades do público que queria arregimentar e controlar. Esse tipo de compra não se dá apenas nem principalmente com dinheiro. São os mecanismos de consagração de um autor e de uma ideia seguindo aparentemente todas as regras específicas do campo científico.

Não basta construir a universidade mais importante e de mais prestígio, como a elite paulistana criou a USP e as teses do patrimonialismo e populismo. É necessário ter os jornais também nas mãos da elite para reverberar as teorias falsamente críticas para o público indefeso. É preciso ter as editoras de maior nome e influência e o acesso aos financiamentos de pesquisa, aos prêmios, honorárias e mecanismos de consagração intelectual. Assim, é possível usar a posição de proprietária dos meios de produção material para se apropriar dos meios simbólicos de produção e reprodução da sociedade. É aqui que entra o contexto que existe até hoje entre imprensa, universidade, editoras, premiações e honorárias e capital econômico. Como o dinheiro não pode aparecer comprando diretamente os valores que guiam as esferas da cultura, do conhecimento e da informação, essas esferas precisam construir mecanismos de consagração internos a ela como se fossem infensos à autoridade do dinheiro e do poder.”

Embora seja um atributo inerente à condição humana, algo inato ao agir humano, portanto, não passível de ser extirpado, o ato exossomático de instrumentalizar a natureza e de dominar socialmente os semelhantes, que levado ao extremo transforma o humano de um ser adaptativo em um ente predador, pode e deve ser redirecionado tanto para o comportamento cooperativo no âmbito social quanto para uma conduta simbiótica com o meio ambiental.

Afinal, é a capacidade de exossomatizar/instrumentalizar a realidade que dá ao indivíduo humano a possibilidade de sobreviver e quiçá de existir plenamente, expressando inteiramente sua singularidade. Ou seja, a capacidade de tornar extenso/prótese de seu ser o aparato de recursos espaciais disponíveis (econômico, cultural e social), extraídos das reservas naturais de insumos. Portanto, uma questão de acessibilidade a tais artefatos, definidos por Giddens (1991) como sistemas peritos, aos quais é preciso apreender como funcionam, caso contrário pode-se ficar à mercê deles!!!

Logisticando as Espacialidades

Posto o acima, temos um procedimento de eficiência de elaboração visando uma eficácia de utilidade do resultado. Então, a aplicação da logística à produção das espacialidades é um modo de se ter a eficiência na confecção delas e a eficácia das mesmas em seu funcionamento/utilidade. A produção de espacialidade(s) resulta da moldagem/manipulação da materialidade, conforme Santos (2004, 2009, 2011, 2017, 2021 e 2024). Materialidade que se confunde com a realidade. Dado que a realidade é quântica, a sua concretude/materialidade é composta por categorias de partículas, como prescreve o Modelo Padrão da Física.

Manipular a realidade/materialidade é algo inerente ao comportamento humano, face a condição exossomática dos entes humanos. Isto é, devido ao imperativo humano de instrumentalizar a realidade/natureza, para produzir artefatos/objetos que funcionam como próteses/recursos, e, com isso, em uma ação dialética, produzir sua própria humanidade, conforme Santos (2004, 2009, 2011, 2017, 2021 e 2024). Então, dado que ser humano ainda é um processo, isto é, a condição plena de se ser humano continua sendo uma meta, já que o vocábulo ser, no caso, passa de substantivo a verbo, podemos perceber a importância capital das espacialidades no processo, desde que elas sejam inclusivas.

Então, a logística pode dar à condição exossomática humana uma capacidade mais racional, não só como refinamento da intencionalidade da ação, mas também, na sua relação com o meio ambiente/natureza enquanto fonte de recursos, dado que essa racionalidade pode/deve implicar uma abordagem ecológica do processo. Porquanto é possível uma relação de harmonia/simbiose com a natureza a partir do uso de tecnologias simbióticas.

Daí, em consequência, temos um jogo dialético entre espaço e espacialidade, onde espaço é a possibilidade aberta pela dimensão espacial da materialidade, em sua extensão e volume, enquanto espacialidade é tanto a que

se apresenta naturalmente pela magnitude da matéria quanto a que é produzida pela moldagem/manipulação da materialidade, transformando-a em artefatos/objetos que atuam como próteses/recursos, conforme análise e citações autorais antecedentes. Nesse processo, entra a logística como modo preciso de condução da formatação de espacialidades, cujas utilidades são medidas pelo grau de acessibilidade que elas permitem em suas utilizações.

Toda essa preparação para a ação logística tem como premissa o fato de que agir implica movimento na dimensão espacial da materialidade. Então todo o ritual logístico da ação implica utilizar/criar artefatos concretos/abstratos, isto é, equipamentos sociais (instituições), instrumentos simbólicos (saberes, técnicas, normas), e mobilizar outros agentes (pessoas), que sejam úteis para a consecução do ato. Entra em cena, então, a articulação das escalas. Aqui vale desde a escala mais imediata, a do âmbito pessoal, até a mais distante (Estado, Mundo), mas que acaba por influenciar/determinar a mais próxima. Ou seja, é crucial entender/acionar essa articulação de níveis de decisão dada a dialética em jogo. A eficiência na articulação das escalas pode assegurar a eficácia da consecução do intento.

Considerações Conclusivas

Conclusão, a construção da logística da ação é o processo de modelação da espacialidade, do mesmo modo que a formatação da espacialidade implica elaborar a estratégia de logística. Desse modo, temos, então, as espacialidades humanas expressas na parafernália de objetos, aos quais estamos ligados umbilicalmente, e que viabilizam ou complicam nossa cotidianidade de cada dia, conforme Santos (2017). E é evidente que esse complexo de objetos interligados por diversos meios (modais e eletrônicos) se constitui nos mais variados ambientes que, conforme a escala de abordagem escolhida, vai de um simples lugarejo ao mundo como um todo. Ou seja, uma escalada de espacialidades que, enquanto recursos, devem ser avaliadas em termos de propiciamento de fomento do pleno desenvolvimento humano. Contexto onde a relação de alteridade seja a da percepção de que o outro é a medida de mútua humanidade.

Desenvolvimento que está em função da acessibilidade a tais recursos espaciais. Então, põe-se como horizonte para a plenitude humana uma paisagem de recursos espaciais irrestritamente acessíveis. Assim, dado que o futuro está em aberto, em contraposição ao passado que está fechado, a produção das espacialidades significa também a produção do futuro. Pois quanto ao passado só cabe a sua reconstituição. Porquanto o futuro não é para se prever, o futuro é para se fazer. Veriditadamente, diante de um mundo eivado de incertezas, flertar com o além é deflagrar o impensável, porém, ancorar no aquém é aportar no bom senso!!!

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOGÍSTICA.
<http://espacologistico.blogspot.com.br/2009/10/aslog-associacao-brasileira-de.html>. Acesso em 2024.

SANTOS, Carlos. Espacialidade & Logística: Nossa Cotidianidade Labiríntica. *Boletim Alfenense de Geografia*. Alfenas. v. 5, n.10, p. 106-117, 2025.

BALLOU, R. **Logística empresarial**. São Paulo: Atlas, 2007.

CARVALHO, José Crespo de. **Logística**. Lisboa: Edições Sílabas, 2002.

CASTILLO, R.; TREVISAN, L. Região competitiva e logística: expressões geográficas da produção e da circulação no período atual. *In: Anais do IV Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2008. *In: TREVISAN, L.; SILVA, A. M. B. A MODERNA LOGÍSTICA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÃO À PESQUISA. Ciência Geográfica - Bauru - XVI - Vol. XVI - (2): Janeiro/Dezembro – 2012.*

CINTRA, M. A. M., SILVA PINTO, E. B. da & COSTA PINTO, E. (Orgs.) **China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ipea, 2015.

FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité, 1**. La volonté de savoir. Paris, Gallimard, 1976.

FREUD, S. **Obras Completas**. Volume XXIII. Rio de Janeiro: Editora Imago Ltda., 1937/1939.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo-SP: UNESP, 1991.

GLEICK, J. **Caos: a criação de uma nova ciência**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

KRISHNAMURTI, J. **Viagem por um Mar Desconhecido**. São Paulo: Editora Três, 1973.

LOBATO CORRÊA, R. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989.

OFFE, C. Trabalho como categoria sociológica fundamental? *In: OFFE, C. Trabalho e Sociedade: Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

RIFKIN, J. **O Fim dos Empregos**. São Paulo: Makron Books, 1996.

SANTOS, C. **Percursos Geográficos:** Rumo à Toposofia. Porto Velho: Fundação Rio Madeira, 2004.

SANTOS, C. **A espacialidade humana: teorizando o futuro** – Que espacialidades me servem e podem produzir as temporalidades que preciso? São Carlos-SP: Editora Pedro e João Editores, 2009.,

SANTOS, C. **Da Geografia à Antropotopia:** quando o Planeta se tornou Mundo. Porto Velho: Editora da UFRO, 2011.

SANTOS, C. **As Espacialidades Humanas:** uma Antropotopia? São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2017.

SANTOS, C. **Antropotopia:** a lugarização humana do planeta: a produção do mundo. Chisinau-Moldávia: Novas Edições Acadêmicas, 2021.

SANTOS, C. **ANTROPOTOPIA:** Para Além do Discurso Geográfico. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2024.

SANTOS, M. **Espaço & Método.** São Paulo: Editora Nobel, 1984.

SILVA, L. O. **Terras devolutas e latifúndio:** efeito da lei de 1850. Campinas: Unicamp, 1996.

SOUZA, J. **A ELITE DO ATRASO:** da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SZAMOSI, G. **Tempo e espaço:** as dimensões gêmeas. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1986.